



EPICURO E A TRANSIÇÃO DO PENSAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA: DO SÉCULO V A.E.C. AO SÉCULO IV A.E.C.

Karolini Batzakas de Souza Matos ¹
Ágabo Borges Sousa ²

RESUMO: O que se pretende com este breve artigo é compreender o momento histórico da emersão da filosofia epicurista. Para tal, faz-se necessário entender de forma resumida como funcionava a *pólis*, qual a ideologia por detrás da cidade-estado ateniense, cidade hegemônica e que acaba mostrando-se como modelo para as demais cidades denominadas gregas, e como surge a *cosmópolis* do período alexandrino. Com a conquista dos macedônios sobre a Grécia Antiga, no século IV a.E.C., a estrutura políade entra em colapso; a cidadania coletiva grega, ateniense, é substituída pela ideia de indivíduo, ser ateniense não parece mais tão glorificante quanto fora no século V a.E.C.. A *pólis* entrava em ruína, em seu lugar surgia o império macedônico, a ideia de cidadania foi posta abaixo, afinal a Grécia havia sido sucumbida por um reino bárbaro, colocando em dúvida a tão exaltada soberania grega. É sobre esse período transitório, no qual a filosofia epicurista entra em cena, que o trabalho propõe argumentar e fundamentar suas bases, tendo como objetivo retratar a passagem no âmbito filosófico da *pólis* para o império macedônio.

Palavras-chave: *Pólis*. Epicuro. Filosofia. Alexandre.

INTRODUÇÃO

¹ * Graduada em Licenciatura em História (2015) e pós-graduanda em filosofia (2017), as duas pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

² ** Graduado em Licenciatura Em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1997), bacharel em Teologia - Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (1983), graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia de Boa Vista (2004), mestre em Teologia (1988), pela Universidade de Hamburg, Alemanha, doutor em Teologia (1992) pela universidade de Kirchliche Hochschule Bethel, Alemanha, e pós-doutorado em Ciências da Religião (2013) pela UMEESP . Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Denominamos o período em que Alexandre domina a Grécia como período helenístico. Se atenham ao cuidado que tive em proferir tais palavras, isto se deve a confusão que é enquadrar um período; o período helênico inicia-se convencionalmente com a morte de Alexandre e termina na batalha de Actium, outra possibilidade é que comece a partir dos últimos dias de Aristóteles e termine em 100 d.C.

The Hellenistic period conventionally begins with the death of Alexander the Great and ends with the battle of Actium some three hundred years later. The Hellenistic period conventionally begins with the death of Alexander the Great and ends with the battle of Actium some three hundred years later. The History, for reasons which are explained in the Epilogue, has a slightly more modest chronological scope: it starts, in effect, from the last days of Aristotle (who died a year after Alexander) and it stops in about 100 bc.³ (ALGRA; BARNES; MANSFIELD; SCHOFIELD, 2008, XXII)

Pode-se ainda dizer que o período Helênico se iniciaria entre a morte de Alexandre Magno, em 323 a.E.c., e o fim da república romana, em 31 a.E.c., quando Augusto torna-se imperador de Roma. O nome “helenístico”, ou período Helênico, é utilizado para designar a expansão da cultura e língua grega. Contudo, mesmo o termo Helenismo⁴ estando associado a hegemonia da cultura grega, exprime, em verdade, a interlocução entre “as criações culturais helênicas e as orientais enquanto submetidas a um mesmo e único poder central, ligadas por rotas comerciais e tendo como ponto de encontro Alexandria e, mais tarde, Roma” (CHAUÍ, 2010, p.13-14).

A conquista de Felipe II da Macedônia sobre Atenas, ocasionou a perda da hegemonia da cidade-estado, mas foi sob o desiderato de Alexandre Magno que o período helenístico é lançado. Quando Alexandre estabelece uma monarquia universal torna preponderante a difusão da expressão helênica, a expansão dessa cultura nos impérios de dominação alexandrino modificou a forma de agir e pensar das sociedades. Segundo Helmut Koester, o movimento de

³ O período Helenístico é convencionalmente iniciado com a morte de Alexandre, O Grande, e termina com a batalha de Actium cerca de trezentos anos mais tarde. A História, por razões que são explicadas no Epílogo, tem um escopo cronológico ligeiramente mais modesto: começa, de fato, a partir do últimos Dias de Aristóteles (que morreu um ano depois de Alexandre) e termina em cerca do ano 100 da nossa Era.

⁴ Para Werner Jaeger o termo “helenismo” só passa a ter o sentido de adoção do modo de vida grego na modernidade, “em especial fora da Hélade, onde a cultura grega se torna moda” (JAEGER, 1961, p. 17). André L. Chevitaese & Gabrielli Cornelli contrapondo Jaeger, fazem uma diferenciação entre helenismo e helenização. (CHEVITARESE & CORNELLI, 2007, p. 16)



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

interação de diversas culturas com a helenística é designado de helenismo (KOESTER, 2005, p. 43-44)

Porém, neste momento, o que marca o início ou o fim do período helenístico não nos importa tanto, pois o fato é que a vitória de Felipe II sobre os atenienses, e a sucessão do seu império por Alexandre, seu filho, foi o início de uma transformação processual, na qual há uma ruptura do entender-se grego, ou melhor, ateniense; e que vai ser inserida em todos os âmbitos da sociedade, inclusive na filosofia. A cidadania grega foi durante todo o século V antes de nossa Era exaltada por grandes filósofos como Sócrates, Platão e Pitágoras; nesse período, ser grego e, sobretudo, ser ateniense, tinha um grande peso valorativo que se perde com a conquista alexandrina e a afiliação de filósofos não atenienses ao apogeu filosófico.

O arquétipo de homem exaltado por Platão, na *República* como aquele que possui *Areté* (“excelência”)⁵, é forjado sob o ostentar do ser cidadão ateniense, e participante da sua aristocracia. (JAEGER, 2011, p. 24) Para ser considerado cidadão em Atenas era necessário ter nascido de pai e mãe ateniense, os demais eram tratados como *bárbaros* ou *xenos*, e não poderiam usufruir dos benefícios da cidadania. Mas, atenção, vale colocar que a *pólis* era um espaço tão importante e venerado em Atenas que mesmo os considerados não-cidadãos (como no caso dos camponeses, metecos, escravos e mulheres), deveriam se curvar, servi-la, pois ela era vista como a maior de todas as outras necessidades humanas; além disto, o sujeito que pertencesse a *pólis* deveria ter em si a ideia de unidade para com seus pares, deveria servir a *pólis* independente de sua condição, dando a ela um caráter quase que divino.

as ‘coisas humanas’, para as quais se orientava a atenção dos gregos, culminavam sempre no bem do conjunto social, de que dependia a vida do indivíduo. Um Sócrates cuja educação não fosse ‘política’ não teria encontrado discípulos na Atenas do seu tempo. A grande novidade que Sócrates trazia era buscar na personalidade, no caráter moral, a medula da existência humana, em geral, e da vida coletiva, em particular. (JAEGER, 2011, p. 540)

É a partir da consolidação da *pólis* que o entrosamento com o outro torna-se necessário; Fustel de Coulanges chegou a identificar a Cidade Antiga como sendo a cidade da alteridade.

⁵ Opto por essa tradução por seguir a ideia de Gerard Lebrun, e entender que melhor se assemelha à palavra grega *Areté*, traduzida também por virtude. Para Lebrun, “beiramos o contra-senso toda vez que traduzimos areté por “virtude” nos textos filosóficos. A areté é antes plenitude da qualidade que faz a excelência de um ser (homem ou cavalo...)e que assegura seu bem-viver” (LEBRUN, 2016, p.474-475)



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Aquela que envolve e identifica em seu seio o Outro, o não-grego, o bárbaro. Porém, o Outro pode, também, ser o grego, “como rival, inimigo, invasor, infractor de códigos de comportamento” (FIALHO, 2010, p. 114). Aqui podemos abrir um parênteses e discutir a diferença entre bárbaro e *xenos* para o grego ateniense, deste modo, vocês poderão ratificar, mais uma vez, a importância da nacionalidade para esse povo. O bárbaro é identificado como aquele que não faz uso da língua grega e o *xenos* é o estranho a comunidade. O *xenos* pode advir ou não do espaço grego:

pode conhecer mecanismos de integração fora da sua pólis de origem, através do estatuto da *metoikia*. Como meteco, tem, em Atenas, possibilidade de participar em alguns festivais; tem a possibilidade, aliás benquista, de se submeter ao mesmo regime de tributação fiscal dos cidadãos da cidade para onde se desloca e onde pretende a sua integração. Ao assumir, sendo meteco, esse ônus da cidadania, viabiliza uma progressiva integração que pode, eventualmente, culminar na aquisição do estatuto pleno de cidadão. (FIALHO, 2010, p. 117)

É em meio a conquista Alexandrina, e as mudanças de valores “filosóficos”, por assim dizer, que nasce a filosofia helenística, nela se estabeleceu os epicuristas, os céticos e os estóicos. O nosso interesse se volta à filosofia de Epicuro, viveu por volta do século VI antes de nossa Era., quando Atenas se encontrava sob o jugo político da Macedônia, vivendo uma intensa crise política, econômica e social.

La ciudad había perdido su autosuficiencia, su autárkeia tanto desde el punto de vista económico como político, y el destino de los ciudadanos no estaba ya em sus propias manos, sino em las del monarca correspondiente, y, acaso, por encima de él, em las de la Tyche. ⁶ (GUAL, 2006, p. 23)

Os gregos da pólis agora habitavam uma cosmópolis, a cidade ateniense não era mais o ponto único de prestígio, assim, habituado a vangloriar-se pela sua autonomia, passam a ser

⁶ A cidade havia perdido sua autosuficiência, sua *autárkeia* tanto do ponto de vista econômico quanto do político, e o destino dos cidadãos já não estava em suas próprias mãos, se não nas do monarca correspondente, e acaso, por cima dele, na da Tyche (deusa tutelar da cidade).



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

subjugados pelos estrangeiros (os macedônios), perdendo seu *status*, sua visibilidade. “O imperialismo macedônico privava o ateniense de sua cidadania e o filósofo, do espírito livre: da alma do filosofar” (SPINELLI, 2013, p.7). Desta forma, o ideal de *Paideia*, no qual o homem era entendido como cidadão político, e mais, no qual o homem deveria se submeter a *pólis* e somente a ela, perde-se:

No momento em que o quadro tradicional da cidade grega se extingue diante de um império cujas decisões escapam à crítica como à deliberação de seus súditos, o filósofo se acha confinado seja à teoria pura, seja à predicação simplesmente moral, desde o instante em que a política, a mais alta forma da práxis para os gregos, cessa de depender dela para depender de um amo estrangeiro. (CHATÉLET, 1973, p. 168)

Em meio ao contexto de privação da liberdade e, mais ainda, de crise da identidade grega, que Epicuro (341-270 a.C.), fundador do epicurismo, e Zenão de Cício (334-264 a.C.), fundador do estoicismo, desenvolvem suas doutrinas filosóficas. O objetivo de ambos era a busca da felicidade, seus cânones foram desenvolvidos de maneira oposta, afinal, Epicuro era o adversário tradicional dos estóicos (GIORDANI, 1972, p. 399).

Os gregos, e principalmente os atenienses, anteriores a conquista de Alexandre, se colocaram acima dos estrangeiros, entendidos por eles como bárbaros, nesse novo contexto grego, a estrutura política, que tinha como base a *pólis* e a democracia, havia sido desfeita, as decisões políticas passaram a ser tomadas por um governante exterior ao meio políade, ou seja, por um estrangeiro. “A *pólis* deixa de ser a categoria fundamental, a norma suprema do pensamento da cultura da vida política: estamos na época da cosmópolis” (GIORDANI, 1972, p. 277). O homem da cosmópolis volta-se a si, torna-se centro único e não coletivo, como na *pólis*. Em Epicuro percebe-se “o quão é desagradável é viverem em meio às opiniões vazias e com a agir desmesurado das multidões insensatas” (SILVA, 2003, p.18)

O nosso ponto de chegada para o texto proposto é a inserção dos novos princípios da cidadania grega na filosofia de Epicuro, evidenciando seu caráter individual, bem como o afastamento da política, comumente visto em Platão.

La personalidad del individuo era cívica y el hombre despojado de la dimensión pública no era nadie, pues su identidad se la otorgaba la polis. No había distinción clara entre ética y política y, lo que es más, la política era,



ANAIS ELETRÔNICOS

2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS

CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

en cierto modo, superior a la ética privada. La ética era una parte de la política y era imposible una teoría moral sin una práctica de la justicia; ya que era más importante alcanzar el bien para una ciudad y el conjunto de los ciudadanos, que sería el fin de la política, que procurar el bien para una persona particular, objetivo buscado por la ética. ⁷ (SÁNCHEZ, 2001, p.22)

É nesse contexto de tensão da identidade grega que Epicuro propõe um estudo substancial no que diz respeito à busca pela felicidade como um modo de vida, o Jardim de Epicuro não era uma escola propriamente dita, seu Jardim era mais um lugar onde o indivíduo aprendia o modo de vida epicurista. Um modo de vida simples que abarcava a todos; o objetivo dos ensinamentos epicuristas era que o indivíduo voltasse para si, na busca pelo bem-estar do seu corpo e de sua alma. Filosofar para Epicuro significava “*aprender a viver bem*, com prazer em tudo o que se faz e moderação dos costumes” (SPINELLI, 2009, p. 75).

O jardim fundado por Epicuro era um local em que se admitia pobres e ricos, ‘cidadãos’ e estrangeiros, mulheres e homens, senhoras e cortesãs. Assim, diferente do entender platônico de ideal grego ou de cidadania, Epicuro considerava a todos, já estava extinto em seus preceitos a questão do “ser ateniense”; tal afirmação é atestada justamente no seu acolhimento. Em seus ensinamentos não havia espaço para a discriminação, as prostitutas conviviam com as mulheres bem nascidas, sem diferenciá-las em seu tratamento. Questão que contribui para a interpretação de que a filosofia epicurista é propagadora da promiscuidade.

A partir de Platão e Sócrates, tais ideais despertaram em Epicuro uma grande ideia: formar em sua pequena casa, de amplo jardim, uma comunidade-escola, sob todos os aspectos aberta. No convívio cotidiano do Jardim (foi assim que a “escola” ficou conhecida), foram admitidos pobres e ricos, o cidadão e o estrangeiro, homens e mulheres, sem preconceito; aliás, ali conviviam senhoras e cortesãs, a mãe de família e a prostituta, com isonomia de direitos. Fato que logo ativou o imaginário do grego do lado de fora. Não demorou muito para que os de fora imaginassem Epicuro e os seus discípulos lá dentro, fazendo a festa da obscenidade (afinal, “andavam rodeados de mulheres, de prostitutas e de cortesãs”). (SPINELLI, 2013, p.8)

⁷ a personalidade do indivíduo era cívica e o homem, despojado da dimensão pública, não era nada, pois sua identidade era outorgada pela pólis. Não havia uma clara distinção entre ética e política e mais ainda, a política era, de certo modo, superior a ética privada. A ética era parte da política e era impossível uma teoria moral sem uma prática da justiça, já que era mais importante alcançar o bem para uma cidade e um conjunto de cidadãos, que seria o fim da política procurar o bem para uma pessoa particular, objetivo buscado pela ética. (SÁNCHEZ, 2001, p.22)



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

Epicuro teve como grande influência as ideias socráticas no que cerne a escrita das leis, que deveria visar o estabelecimento da segurança e da ordem coletiva. Epicuro foi um admirador de Platão, mas, vale ressaltar que, por, também, contestar os ensinamentos platônicos, Epicuro acabou sendo alvo de austeras acusações dos seguidores do filósofo, uma vez que pôr as ideias platônicas em questionamento era duvidar da autoridade do filósofo. (SPINELLI, 2009, p.77)

Segundo Flavia Carvalho, o Jardim de Epicuro foi a resposta dada ao avanço alexandrino (CARVALHO, 2006, p, 162), assim, ele era o recuo da Ágora para o Jardim. O que observamos na leitura de Epicuro e na fundamentação de seu Jardim é a separação da ética e da política, é a busca da felicidade voltada aos princípios pessoais, do conhecimento seguro do desejo enquanto necessário ao prazer, uma vez que ele (o desejo) “leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito” (EPICURO, Carta sobre a felicidade, p. 35), e essa é justamente a finalidade da vida feliz, manifesta através da *ataraxia*. Deste modo, para Epicuro a existência do Estado era mera conveniência, não atribuía-lhe importância alguma e aconselhava os homens a não participarem da vida pública, Epicuro buscava resgatar as aspirações da alma grega.

Epicuro chegou a Atenas não como quem vinha do nada, mas como quem buscava, no desassossego da alma grega, restos das aspirações de Sócrates, que ali, juntamente com Platão, vivenciara os ideais da Pólis no interior da Pólis. A vida filosófica pressuposta por Sócrates não dispensava o convívio social. Foi Sócrates, inclusive, que primeiro tomou ciência de que a Pólis por si só (e no seu conjunto) não era educadora. Ele descobriu também que as leis não educam: que não eram feitas (como de fato não são) para serem propriamente obedecidas, mas para garantir, sobretudo, a possibilidade da punição. Ele se deu conta, por um lado, de que a educação e as necessidades básicas do humano deveriam ser gerenciadas pela Pólis (pelo Estado); por outro lado, viu que era preciso, de algum modo, isolar para educar: porém, sem reclusão, porque a virtude do êthos político não se reduz, afinal, a um modelo ou teoria, tampouco ao recinto de uma instituição ou de uma Pólis. (SPINELLI, 2013, p.7-8)

A busca pela felicidade está no centro da filosofia epicurista, ela só pode ser alcançada através do “estado de prazer”, mas para chegar a este estado é necessário conhecer a natureza que compõe e circunda os homens, para então saber distinguir os desejos puros dos desejos falsos: “não haveria maneira de suprimir aquilo que suscita temor a respeito das questões mais



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRITTOJUDAICOS
CRITTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

importantes sem saber qual é a natureza do universo” (Epicuro, Máximas, XII, p.30). Desta forma, sem ter o conhecimento da natureza das coisas o homem entra em angústia, não conhece o todo, não percebe o limite do desejo, e, por vezes, experimenta do sofrimento doloso que tornam-se maiores que o próprio prazer. Não é que o prazer seja mal em si mesmo, pois ele não o é; pelo contrário, em Epicuro o prazer representa o princípio e fim da vida, é inato bem.

“Nenhum prazer é em si mesmo um mal, mas aquilo que produz certos prazeres acarreta sofrimento bem maiores do que os prazeres” (Epicuro, Máximas, VIII, p. 25). Portanto, é o mal uso do prazer que pode acarretar situações desastrosas, com consequências destrutivas. O objetivo do epicurista estava em compreender a natureza e exercitar sapiência, usando-as como ferramentas para alcançar a sabedoria, a liberdade e a felicidade. Para tal, o sábio deveria viver de acordo à natureza (*katá physin*) que circunda e compõe o homem, buscando o equilíbrio e a moderação dentro do próprio mundo. (SILVA, 2003, p. 16)

Não haveria maneira de suprimir aquilo que suscita temos a respeito das questões mais importantes sem saber qual é a natureza do universo, mas somente alguma inquietação relativamente aos mitos. De modo que não há meio, sem o estudo da natureza, de desfrutar dos prazeres puros (Epicuro, máximas, XII, p. 30).

É preciso pontuar que as rupturas históricas não ocorrem de forma lépida, os gregos não fecharam os olhos e acordaram em um local totalmente estranho a eles, há um movimento gradual de transformação da cultura. Por exemplo, mesmo Epicuro procurando uma felicidade individual e se distanciando da ideia coletiva, o mesmo vê nos diálogos socráticos a inspiração. Outro exemplo é Aristóteles que, seguindo os passos do mestre: Platão, tem em sua política a preocupação com a felicidade coletiva, decorrente da ideia de *pólis*.⁸ Além disto, as ideias epicuristas não foram de pronto acolhimento, pelo contrário, epicuro e seus seguidores sofreram inúmeras acusações, principalmente dos platônicos e estoicos.

Concluo assim que há de fato uma ruptura processual dentro do campo histórico que envolve o período políade e helenístico; mas que estes dois períodos não se encontram isolados no tempo e espaço, assim, os ideais políades influenciaram o desenvolvimento da filosofia

⁸ As propostas políticas de Aristóteles parecem refletir o momento histórico em que viveu, um momento de muita conturbação e em que a defesa da ordem poderia significar a conservação de toda uma sociedade; mas, indubitavelmente, refletem também sua concepção mais geral de mundo e de conhecimento (ANDERY; MICHELLETO, SÉRIO, 2007, p. 96).



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

posterior a ela. Como já dito, Epicuro tenta restabelecer uma conexão entre sua filosofia e a de Sócrates, trazendo, com isso, alguns aspectos da pólis grega. Há um processo de “circularidade cultural” que, como define Carlo Gizburg, é envolvido pela reciprocidade de influências em que o dominado e o dominante participam de uma troca cultural simultânea (GINZBURG, 2006, 12), portanto, a troca cultural não é homogênea.

REFERÊNCIAS

Referências Primárias:

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: a Meneceu. São Paulo: UNESP, 2002.
EPICURO. **Máximas principais**. São Paulo: Loyola, 2010.

Referências Secundárias:

ANDERY, Maria Amália; MICHELETTO, Nilza; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. **Para compreender a Ciência**: uma perspectiva Histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CARVALHO, F. L. B. C. . **Epicuro e os Tetracharmakon**. Aprender (Vitória da Conquista) v. V, p. 161-170, 2007.

CHÂTELET, François. **A filosofia pagã**. Do século VI a.C. ao século III d.C. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo**: ensaios acerca das interações culturais no mediterrâneo antigo. São Paulo: Annablume, 2007.

FIALHO, Maria do Céu. **Rituais de Cidadania na Grécia Antiga**. In: LEÃO, Delfim Ferreira; FERREIRA, José Ribeiro; FIALHO, Maria do Céu. Cidadania e Paideia na Grécia Antiga. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, 2010. p. 112-144.

GIORDANI, Mario Curtis. **História da Grécia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1972.

JAEGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



ANAIS ELETRÔNICOS
2ª EDIÇÃO DO SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CRIPTOJUDAICOS
CRIPTOJUDAÍSMO TARDIO E IDENTIDADE JUDAICA

KOESTER, Helmut. **História, cultura e religião do período helenístico**. São Paulo: Paulus, 2005.

LEBRUN, Gèrard. **A neutralização do prazer**. In: MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de (Org). **A filosofia e sua história**, São Paulo: Cosac Naif, 2006.

MANSFIELD, J. In: In: ALGRA, K.; BARNES, J.; MANSFELD, J. & SCHOFIELD, M. (orgs.). **The Cambridge history of Hellenistic philosophy**. Cambridge (RU): Cambridge University Press, 2002.

GUAL, Carlos Garcia. **Epicuro**. Madrid: Alianza, 2006.

SÁNCHEZ, Javier Antolín. **Influencias éticas y sociopolíticas del epicureísmo en el cristianismo primitivo**. Valladolid: Tesis del Doctorado, 2000.

SILVA, Markus Figueira da. **Epicuro: sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SPINELLI, Miguel. **Epicuro e as bases do Epicurismo**. São Paulo: Paulus, 2013.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Loyola, 2009.